MATERNIDADE:
EMOÇÕES, TURBULÊNCIAS, DESAFIOS...

Daniela Boianovsky

Trinta anos atrás, grávida da minha primeira filha, tomei um susto quando, em torno dos sete meses de gestação, topei com o inexorável: o bebê que crescia ali, em breve teria que sair! Não que não soubesse disso desde o primeiro instante, mas a realização de que o parto se aproximava aumentava as minhas angústias e expectativas, tornando-as mais visíveis: o desconhecido que se aproximava era não só o desafio da maternidade, mas o parto em si. "Como seria o parir? Saberia o que fazer? As dores seriam suportáveis?" Lembrei, brincando comigo mesma, que não estava sozinha, que aquele era um processo de toda a humanidade, sendo, cada um de nós, resultante da coragem de nossas mães.

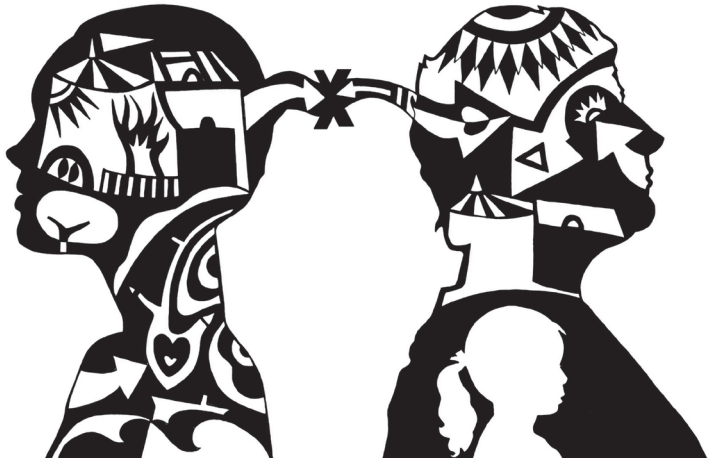
Foi aí que um segundo pensamento surgiu: não estava mesmo sozinha, estava com meu bebê, juntos, lidaríamos com aquele desafio (nossa primeira separação!), trabalharíamos como uma dupla naquele parto, senti que nos ajudaríamos. Não estava mais tomada pelo medo, mas pela fé e pela curiosidade, pelo desejo de conhecer minha filha, tê-la nos meus braços. Quatro semanas antes do previsto (não à toa, talvez) ela nascia num parto normal, tranquilo – dores fortes, mas suportáveis – em que me vi transbordada por uma emoção inesquecível, um amor até então inimaginável, fundante: nascíamos eu e ela, mãe e bebê.

Revisitei essa história quando escrevia um cartão de despedida para essa mesma filha, que, prestes a embarcar para Israel – país que escolheu para viver e construir um novo rumo profissional – nos lançava em mais um belo desafio.

Tantos foram os "partos" que tivemos que elaborar juntas em nossa história, como o desmame, a primeira escola... e, agora, este que se apresentava como mais uma separação tão necessária e saudável, desejada por nós duas: a filha que, adulta, segue o seu caminho. Fácil, né? Claro que não! Saudável, necessário, mas também doído. As "contrações", dessa vez, eram difusas, carregadas de novas abstrações, novos significados.

Ao mesmo tempo orgulhosa por vê-la tão cheia de coragem e garra em busca do seu desejo, vi o quão difícil era escrever "siga seu caminho" sem me debulhar em lágrimas, uma vez que este caminho implicava na sua mudança para o Oriente Médio, a léguas de distância...

Foram vários os ensaios, momentos que serviram para uma rica elaboração de meus próprios nós, fantasmas, ambivalências e angústias que cabiam a mim digerir, não queria transpor para o cartão – que acabou transformando-se numa carta – aquilo que poderia soar como um "muro das lamenta-



ções". Minha filha estava sendo capaz de fazer uma mudança que refletia sua escolha por um novo caminho profissional, estava disposta a mergulhar num universo desconhecido, a assumir riscos, assim como realizar o seu desejo de quebrar, de fato, a casca e conquistar plenamente a sua autonomia. Eu precisava processar um turbilhão de sentimentos: estava feliz por vê-la tão determinada, esperançosa com as perspectivas de seu projeto, excitada com a ideia de que aquela escolha poderia trazer uma apropriação mais significativa de parte da minha própria história, ou seja, uma vivência mais vigorosa em relação à cultura judaica; mas também estava assustada com a radicalidade do voo a que ela se propunha, preocupada com as dificuldades que surgiriam na sua adaptação ao novo país, além de me ver tomada por uma falta que se anunciava e já inundava cada veia de meu corpo.

E então, algo que já sabia, ou pensava saber, surgia com a clareza de um insight entre as muitas vezes que parei de escrever por não enxergar o papel atrás das lágrimas que teimavam em escorrer: aquela dor me dizia que era preciso me reinventar, redescobrir minhas asas e, como ela, alçar novos voos. Não são apenas os filhos que precisam romper a casca, vi o quanto podemos nos enredar se não nos atualizarmos em nossa função materna, se não pudermos abrir mão do antigo ninho e inaugurar espaços para "chocar" o novo, criar e fertilizar novos frutos, novas "funções". Eles e nós crescemos, amadurecemos e envelhecemos, cada qual em seu passo, território e subjetividade. Se não toparmos esse desafio, a alternativa será adoecermos (juntos, provavelmente). Estávamos, assim, unidas, dessa vez nos ajudaríamos naquele "parto" através do reconhecimento mútuo e profundo do quanto nossas asas precisavam bater em suas próprias direções.

Esse caldeirão de emoções e reflexões fervia na semana do seu embarque. Mala quase pronta, conferência dos últimos detalhes, documentação em dia, decolagem à vista. E aí foi a vez dela se ver com aquele natural frio na barriga, de se assustar com a proximidade e concretização da mudança de tamanha envergadura, de ficar com a sensibilidade à flor da pele diante de tantas separações que viriam a seguir (sim, enquanto eu me deparava com uma separação, ela iria estar longe não só de seus pais, sua irmã, avós, da família em geral, como também dos seus muitos amigos queridos). Foi importante, então, deixar minhas angústias de lado e reassegurá-la com firmeza em sua escolha, reafirmar minha sincera confiança em sua capacidade para lidar com os obstáculos à frente, meu orgulho por vê-la tão corajosa e autêntica consigo mesma, disposta a usar de toda a perseverança e tolerância que seriam necessárias para construir seu caminho no novo país, sem esquecer, é claro, que a qualquer momento, se fosse preciso, haveria o caminho de volta.

Hoje, pouco mais de um mês após o seu embarque, em cada relato que ela nos faz sobre seus enfrentamentos e conquistas, em cada obstáculo vencido, na alegria e entusiasmo com que nos conta por estar, finalmente, trabalhando no seu campo de interesse, vejo o quanto valeu a pena termos enfrentado nossos medos, ter vivido cada lágrima de nossa saudade já instalada, cada arrepio pelo tamanho da sua ousadia. A cada encontro que ela registra com parentes meus que não vejo desde a minha infância, me emociono com o potencial de resgate de minhas raízes que a sua escolha por Israel vem confirmando. O que era dor e falta se traduz agora na viva expectativa pelo nosso reencontro, na saudade parceira de uma forte torcida e da vibração diante das novas perspectivas.

Mais uma vez estamos, eu e ela, em nosso paradoxo, próximas em nossa separação. Aliás, não há outro modo para estarmos verdadeiramente com o outro, seja na mesma cidade, no mesmo endereço ou em continentes longínquos, senão separados por nossas individualidades, pelo reconhecimento e respeito à subjetividade de cada um, não é mesmo?

Daniela Boianovsky *é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*